

1. (Enem PPL 2017) – Recusei a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava.

– Eu?

– O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade... Raimundo tornou-se lívido. Manoel prosseguiu, no fim de um silêncio:

– Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!

AZEVEDO, A. *O mulato*. São Paulo: Escala, 2008.

Influenciada pelo ideário cientificista do Naturalismo, a obra destaca o modo como o mulato era visto pela sociedade de fins do século XIX. Nesse trecho, Manoel traduz uma concepção em que a

- a) miscigenação racial desqualificava o indivíduo.
- b) condição econômica anulada os conflitos raciais.
- c) discriminação racial era condenada pela sociedade.
- d) escravidão negava o direito da negra à maternidade.
- e) união entre mestiços era um risco à hegemonia dos brancos.

2. (Enem 2015) Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomençar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia

surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito.

POMPEIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Scipione, 2005.

Ao descrever o Ateneu e as atitudes de seu diretor, o narrador revela um olhar sobre a inserção social do colégio demarcado pela

- a) ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais.
- b) interferência afetiva das famílias, determinantes no processo educacional.
- c) produção pioneira de material didático, responsável pela facilitação do ensino.
- d) ampliação do acesso à educação, com a negociação dos custos escolares.
- e) cumplicidade entre educadores e famílias, unidos pelo interesse comum do avanço social.

3. (Enem PPL 2015) **TEXTO I**

### Voluntário

Rosa tecia redes, e os produtos de sua pequena indústria gozavam de boa fama nos arredores. A reputação da tapuia crescera com a feitura de uma maqueira de tucum ornamentada com a coroa brasileira, obra de ingênuo gosto, que lhe valera a admiração de toda a comarca e provocara a inveja da célebre Ana Raimunda, de Óbidos, a qual chegara a formar uma fortunazinha com aquela especialidade, quando a indústria norte-americana reduzira à inatividade os teares rotineiros do Amazonas.

SOUSA, I. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

### TEXTO II

#### Relato de um certo oriente

Emilie, ao contrário de meu pai, de Dorner e dos nossos vizinhos, não tinha vivido no interior do Amazonas. Ela, como eu, jamais atravessara o rio. Manaus era o seu mundo visível. O outro latejava na sua memória. Imantada por uma voz melodiosa, quase encantada, Emilie maravilha-se com a descrição da trepadeira que espanta a inveja, das folhas malhadas de um tajá que reproduz a fortuna de um homem, das receitas de curandeiros que veem em certas ervas da floresta o enigma das doenças mais temíveis, com as infusões de coloração sanguínea aconselhadas para aliviar trinta e seis dores do corpo humano. “E existem ervas que não curam nada”, revelava a lavadeira, “mas assanham a mente da gente. Basta tomar um gole do líquido fervendo para que o cristão sonhe uma única noite muitas vidas diferentes”. Esse relato

poderia ser de duvidosa veracidade para outras pessoas, mas não para Emilie.

HATOUM, M. São Paulo: Cia. das Letras, 2008

As representações da Amazônia na literatura brasileira mantêm relação com o papel atribuído à região na construção do imaginário nacional. Pertencentes a contextos históricos distintos, os fragmentos diferenciam-se ao propor uma representação da realidade amazônica em que se evidenciam

- aspectos da produção econômica e da cura na tradição popular.
- manifestações culturais autênticas e da resignação familiar.
- Valores sociais autóctones e influência dos estrangeiros.
- formas de resistência locais e do cultivo das superstições.
- costumes domésticos e levantamento das tradições indígenas.

#### 4. (Enem PPL 2014) **O mulato**

Ana Rosa cresceu; aprendera de cor a gramática do Sotero dos Reis; lera alguma coisa; sabia rudimentos de francês e tocava modinhas sentimentais ao violão e ao piano. Não era estúpida; tinha a intuição perfeita da virtude, um modo bonito, e por vezes lamentara não ser mais instruída. Conhecia muitos trabalhos de agulha; bordava como poucas, e dispunha de uma gargantazinha de contralto que fazia gosto de ouvir.

Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: "Mulato". E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias.

– Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; as reticências dos que lhe falavam de seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue.

AZEVEDO, A. *O Mulato*. São Paulo: Ática, 1996 (fragmento).

O texto de Aluísio Azevedo é representativo do Naturalismo, vigente no final do século XIX. Nesse fragmento, o narrador expressa fidelidade ao discurso naturalista, pois

- relaciona a posição social a padrões de comportamento e à condição de raça.
- apresenta os homens e as mulheres melhores do que eram no século XIX.
- mostra a pouca cultura feminina e a distribuição de saberes entre homens e mulheres.
- ilustra os diferentes modos que um indivíduo tinha de ascender socialmente.
- critica a educação oferecida às mulheres e os maus-tratos dispensados aos negros.

5. (Enem PPL 2012) — É o diabo!... praguejava entre dentes o brutalhão, enquanto atravessava o corredor ao lado do Conselheiro, enfiando às pressas o seu inseparável sobretudo de casimira alvadia. — E o diabo! Esta menina já devia ter casado!

— Disso sei eu... balbuciou o outro. — E não é por falta de esforços de minha parte; creia!

— Diabo! Faz lástima que um organismo tão rico e tão bom para procriar, se sacrifique desse modo! Enfim — ainda não é tarde; mas, se ela não se casar quanto antes — hum... hum.. Não respondo pelo resto!

— Então o Doutor acha que...?

Lobão inflamou-se: Oh! o Conselheiro não podia imaginar o que eram aqueles temperamentozinhos impressionáveis!... eram terríveis, eram violentos, quando alguém tentava contrariá-los! Não pediam — exigiam — reclamavam!

AZEVEDO, A. *O homem*. Belo Horizonte: UFMG. 2003 (fragmento).

O romance *O homem*, de Aluísio Azevedo, insere-se no contexto do Naturalismo, marcado pela visão do cientificismo. No fragmento, essa concepção aplicada à mulher define-se por uma

- conivência com relação à rejeição feminina de assumir um casamento arranjado pelo pai.
- caracterização da personagem feminina como um estereótipo da mulher sensual e misteriosa.
- convicção de que a mulher é um organismo frágil e condicionado por seu ciclo reprodutivo.
- submissão da personagem feminina a um processo que a infantiliza e limita intelectualmente.
- incapacidade de resistir às pressões socialmente impostas, representadas pelo pai e pelo médico.

6. (Enem 2011) Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mas ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estala de gozo.

AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1983 (fragmento).

No romance *O Cortiço* (1890), de Aluizio Azevedo, as personagens são observadas como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois

- destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
- exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
- mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
- destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
- atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.

### 7. (Enem 2010) **Capítulo III**

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um *Mefistófeles* e um *Fausto*. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria por na sala, como um pedaço da província, nem o pode deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. Quincas Borba. In: *Obra completa*. V.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993 (fragmento).

Quincas Borba situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside

- no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.
- na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

### 8. (Enem 2010) **Machado de Assis**

Joaquim Maria **Machado de Assis**, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- fatos ficcionais relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

### 9. (Enem 2005) Leia o texto e examine a ilustração:

#### ÓBITO DO AUTOR

(...) expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: -"Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado." (...)

(Adaptado. Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ilustrado por Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943. p.1.)



Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari.

É correto afirmar que a ilustração do pintor

- a) apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
- b) retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
- c) distorce a cena descrita no romance.
- d) expressa um sentimento inadequado à situação.
- e) contraria o que descreve Machado de Assis.

10. (Enem 2000) O texto abaixo foi extraído de uma crônica de Machado de Assis e refere-se ao trabalho de um escravo.

"Um dia começou a guerra do Paraguai e durou cinco anos, João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a república. João repicou por ela, repicara pelo Império, se o Império retornasse."

(MACHADO, Assis de. *Crônica sobre a morte do escravo João*, 1897)

A leitura do texto permite afirmar que o sineiro João:

- a) por ser escravo tocava os sinos, às escondidas, quando ocorriam fatos ligados à Abolição.
- b) não poderia tocar os sinos pelo retorno do Império, visto que era escravo.
- c) tocou os sinos pela República, proclamada pelos abolicionistas que vieram libertá-lo.
- d) tocava os sinos quando ocorriam fatos marcantes porque era costume fazê-lo.
- e) tocou os sinos pelo retorno do Império, comemorando a volta da Princesa Isabel.

### Gabarito:

#### Resposta da questão 1:

[A]

Segundo a escola naturalista, o indivíduo é mero produto da hereditariedade e seu comportamento é fruto do meio em que vive e sobre o qual age. A fala de Manuel Pescada, tio e tutor de Raimundo, justifica a recusa em dar-lhe a mão de Ana Rosa pelo fato de a família e a sociedade recriminarem a união da filha com um descendente de raça negra: “O senhor, porém, não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento..” Assim, é correta a opção [A].

#### Resposta da questão 2:

[A]

O terceiro parágrafo coloca em evidência os objetivos de Aristarco como mantenedor do colégio Ateneu. As estratégias usadas para promover o estabelecimento limitavam-se a distribuir abundante propaganda e a embelezar o edifício, como as de qualquer comerciante que pretende atrair comprador para a sua mercadoria. Além do mais, percebe-se que Aristarco se promove indevidamente como pedagogo, ao colocar o seu nome em livros que, na verdade, haviam sido escritos por outros professores. Assim, é correta a opção [A], pois o narrador coloca em evidência a ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais de Aristarco.

#### Resposta da questão 3:

[A]

Em ambos os textos há referências à atividade econômica dos personagens. No primeiro, a tecelagem de redes é mencionada no relato das atividades de Rosa e Raimunda (“Rosa tecia redes”, “Ana Raimunda, de Óbidos, a qual chegara a formar uma fortunazinha com aquela especialidade”). No segundo, são as atividades ligadas a medicinas alternativas que ganham importância na representação da realidade amazônica (“trepadeira que espanta a inveja, das folhas malhadas de um tajá que reproduz a fortuna de um homem”). Assim, é correta a opção [A].

#### Resposta da questão 4:

[A]

O trecho mostra a inquietação da personagem Ana Rosa ao perceber as dificuldades que a paixão por Raimundo a fariam passar. Ela é descrita como filha da pequena burguesia, com certo grau de instrução e habilidades manuais desenvolvidas pelas moças da época. Com isso, começou a perceber o preconceito quase velado que a sociedade maranhense tinha com relação a sua paixão por Raimundo, simplesmente por ser mulato.

#### Resposta da questão 5:

[C]

O romance “Homem”, de Aluísio de Azevedo, tematiza, através do comportamento da personagem Magdá, as consequências da insatisfação sexual que pode levar ao desenvolvimento de comportamentos histéricos, segundo determinadas visões científicas. No fragmento, essa concepção aplicada à mulher define-se por uma convicção de que ela é um organismo frágil e condicionado por seu ciclo reprodutivo, como se afirma em [C].

#### Resposta da questão 6:

[C]

No excerto de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, descreve-se a mudança de postura do grupo que se reunia para ouvir o som melancólico do cavaquinho de Porfiro e que, de repente, é surpreendido pelo ritmo vibrante do violão de Firmo. A nostalgia do fado é substituída pelo som envolvente e pleno de luxúria de um chorado baiano que contagia o grupo.

#### Resposta da questão 7:

[A]

O conflito entre os valores provincianos e os oferecidos pela Corte está evidenciado na hesitação de Rubião em aceitar criados brancos e valorizar objetos que não fossem de ouro ou prata, como as estatuetas de bronze de Mefistófeles e Fausto (personagens de “Fausto” de Goethe, onde se tematiza o fascínio pelo poder e sua obtenção mesmo a troco da própria essência). Rubião, que no passado havia sido um pobre professor na cidade de Barbacena, via-se agora impelido por Palha a adotar atitudes que evidenciassem a sua ascensão social, já que tinha ficado rico através da herança de seu mestre, o filósofo Quincas Borba.

#### Resposta da questão 8:

[E]

Embora apresente elementos descritivos, o texto apresenta “sobretudo pela ordem tipológica da narração” alguns aspectos da vida do autor, relatos em ordem cronológica e dados de pessoas que com ele conviveram. Não existem fatos ficcionais, nem representações generalizadas de membros da sociedade, tampouco se destacam seus principais feitos ou se ressalta sua intimidade familiar como afirmam as outras opções.

#### Resposta da questão 9:

[A]

A ilustração de Portinari acrescenta detalhes ao texto narrativo-descritivo de Machado de Assis, que não se refere à paisagem, nem a outros pormenores, como caixão, covas ou roupa dos presentes ao enterro.

### Resposta da questão 10:

[D]

A narrativa enfatiza a atividade rotineira do escravo João, encarregado de tocar o sino sempre que algum acontecimento importante ocorria no país. Ao apresentá-lo como personagem apático e desinteressado quanto à relevância política que este ou aquele acontecimento poderia apresentar para alterar a sua condição de escravo, Machado de Assis expõe, ironicamente, a falta de participação do povo brasileiro nos eventos históricos que o afetam diretamente. Ou seja, o sineiro João tocava os sinos quando ocorriam fatos marcantes apenas porque era costume fazê-lo, como se afirma em [D].

# Fábrica

# D